



RECONTAR HISTÓRIAS E REINVENTAR MEMÓRIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA NEGRA E A HISTÓRIA DO BRASIL.¹

Simone de Jesus Santos.

Professora de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Doutoranda em Literatura e Cultura no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

sietnia@yahoo.com.br/sietniaufba@gmail.com

PSIU!

Essa dor da qual falo
Não fala
foi calada
a fio de espada
(CUTI,2006,p.2)

Os versos supracitados, de autoria do escritor negro Luiz Silva - Cuti, oriundo da cidade de Ourinhos em São Paulo, são tomados como introdutórios do presente texto porque podem suscitar aspectos relativos à fala e ao silenciamento do sujeito poético, diante da sensação de sofrimento provocada e reprimida por quem dominava a “espada.”

Inserido na produção poética negra, o poema em foco sugere a dor vivenciada pelos afrodescendentes no Brasil e a sua experiência diante da tentativa de emudecimento das vozes que a coloquem em evidência. Impor o silêncio é também buscar a configuração do esquecimento uma vez que existem memórias e histórias “subterrâneas”, indesejáveis para grupos hegemônicos ou mesmo para o poder regulador do Estado-nação.

¹ O presente texto é recorte das reflexões apresentadas em minha dissertação de mestrado intitulada **Textos e Metatextos: escritos de Oswaldo de Camargo, Luiz Silva- Cuti e Márcio Barbosa**, defendida na Universidade Federal da Bahia no ano de 2010, incluindo o minicurso por mim ministrado no **VI Copene – Congresso de Pesquisadores Negros** realizado no Rio de Janeiro, em Julho de 2010, intitulado **Literatura Negra para enegrecer os modos de saber**.



Nas palavras do pesquisador Michael Pollak, “privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” é ressaltar “a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial”(1989, p.04) e essa opinião coaduna com o objetivo do presente trabalho que visa ao exame de escritos literários de afrobrasileiros(as) que apresentam um diálogo entre literatura e história e nesse sentido, propiciam a recuperação de memórias silenciadas e releituras da história já instituída.

Noutro aspecto, a representação em texto literário de elementos sobrepujados pelos construtos forjadores de histórias, memórias e culturas supostamente harmônicas, não conflitantes e homogêneas sinaliza para um profícuo debate entre a literatura e a história cuja relação é antiga, consoante o estudo de Peter Gay, intitulado **O estilo na história**. Antes da separação dos campos disciplinares no século XIX, ambas caminhavam juntas haja vista que os historiadores tomavam de empréstimo discursos do teatro grego, ofereciam suas obras como peça de retórica e “deviam atender a exigências morais e empregar recursos literários estabelecidos.” (1990,p.27).

Entretanto, no mesmo cenário moderno do século acima citado, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche chama a atenção para os excessos da história como “ciência pura”. Para ele, a história deve estar a “serviço da vida,” mas “sem impulso construtivo, ela apenas destrói.”(1874,p.66).Ou ainda: “enquanto há leis na história, as leis não valem nada e a história não vale nada”. (1874,p.78). Na sua descrição:

a história é o oposto da arte: e somente quando a história suporta ser transformada em obra de arte e, portanto, tornar-se pura forma artística, ela pode, talvez, conservar instintos ou mesmo despertá-los. Uma tal historiografia, porém, estaria em total contradição como traço analítico e inartístico de nosso tempo, e até mesmo será sentida por ele como falsificação. História, porém, que apenas destrói, sem que conduza um impulso construtivo interior, torna, com o tempo, sofisticados e desnaturados seus instrumentos: pois tais homens destroem ilusões e “quem destrói a ilusão em si mesmo e nos outros, a natureza, como o mais rigoroso tirano, o castiga. (1874,p.73)

A visão nitzscheana aponta a ausência de um “impulso construtivo” na história como elemento destruidor da vida. No século XIX, contexto da busca pela objetividade das ciências, o autor critica a dissociação do pensamento histórico da “vida”. Em sua



análise, o “passado pode ser associado a uma *“força plástica* de um indivíduo, de um povo, de uma cultura”. Essa “força” por sua vez, “pode assimilar e transformar o que é passado e estranho, cicatrizar as feridas, reparar as perdas, refazer as formas destruídas.” (1874,p.67).

Assim, torna-se relevante investigar os modos pelos quais os “impulsos construtivos” de afrobrasileiros(as) são empregados na recuperação de suas histórias e memórias e “transformados em obra de arte” e quais as versões resultantes de tal reelaboração.

Por seu turno, Hayden White desenvolve reflexões nas quais o texto elaborado pelo historiador é situado de modo similar ao texto literário, isto é, compreendido como representação. Na sua definição:

as narrativas históricas [...]são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. (1994, p.98)

A teoria, profícua no entendimento da “narrativa histórica considerada como artefato verbal,” (1994, p.98) traz à tona caracteres de construção e imaginação no trabalho do historiador presentes também no escrito artístico. A importância concedida a esses aspectos favorece o estabelecimento de aproximações e/ou distanciamentos entre os textos artísticos de afrobrasileiros(as) e os discursos de histórias oficiais. Nessa esteira, cabe fomentar ainda mais o debate através de concepções de literatura cuja ênfase é o diálogo dessa arte com o mundo. Wolfgang Iser versa sobre a literatura e as suas vinculações com outros discursos. No seu entendimento:

Cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo (Weltzuwendung). Como esta forma não está dada de antemão pelo mundo a que o autor se refere, para que se impunha é preciso que seja nele implantado. Implantar não significa imitar as estruturas de organização previamente encontráveis, mas sim, decompor. Daí resulta a seleção, necessária a cada texto ficcional, dos sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sócio-cultural ou mesmo literária. (1983,p.384).

Sendo a escrita literária uma “forma de tematização do mundo” através da “seleção” de elementos “ contextuais preexistentes”, a minha intenção é identificar dados históricos “selecionados” por parte de escritores(as) afrobrasileiros (as) no



processo criativo e analisá-los em suas resultantes ficcionais. A literatura é assim distanciada de seu suposto caráter fechado e autossuficiente ou do não diálogo com o mundo como se pode depreender nas concepções da chamada literatura negra.

Segundo Maria Nazareth Fonseca:

[...] a denominação ‘literatura negra’, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão ‘literatura afro-brasileira’ procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo ‘literatura’ indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão ‘literatura afrodescendente’ parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora. (2006,p.23-24)

As definições da literatura construída por homens e mulheres afrodescendentes no Brasil, apresentadas pela autora, apontam para a impossibilidade de se dissociar essa outra produção de discursos relativos às histórias, às identidades e às culturas de afrobrasileiros(as). Bem assim, uma outra concepção de literatura negra ou afrobrasileira aqui adotada e de minha autoria, fundamenta a presente análise:

[...] literatura negra ou afrobrasileira é o lugar situado à margem da textualidade oficial brasileira. Espaço de onde afrobrasileiros/as enunciam o desejo de “suplementar” à “falta” de vozes que os contemplem no discurso literário nacional hegemônico, inscrevem-se enquanto sujeitos na história e escrevem em textos ficcionais a diversidade cultural dos descendentes de africanos no Brasil.(SANTOS,2010,p.167)

Ao adotar a aceção acima, compreendo que a literatura negra suplementa a brasilidade literária constituída nos textos canônicos porque privilegia uma tradição étnicorracial não atendida pela literatura brasileira e não valorizada, por quem possuía o “poder da palavra”, “antes” e/ou “depois” do momento fundacional da nação. (ACHUGAR,2006,p.199). Essa inserção de outros relatos culturais na voz nacional favorece a re-visão de construtos da nacionalidade supostamente homogênea, a exemplo da literatura e da história oficiais.



As imagens elaboradas no discurso literário de nomes como Domingos Caldas Barbosa, Trajano Galvão de Carvalho, Luís Gonzaga Pinto da Gama, Antônio Cândido Gonçalves Crespo, José do Patrocínio, João de Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino de Pinto Guedes, Solano Trindade, Carlos Assumpção, Eduardo Ferreira de Oliveira, Oswaldo de Camargo, Jamu Minka, Oliveira Silveira, Luiz Silva – Cuti, Márcio José Barbosa, Geni Mariano Guimarães, Paulo Colina, José Carlos Limeira, Adão Ventura, Éle Semog, Arnaldo Xavier, Mirian Alves, Abelardo Rodrigues, Esmeralda Ribeiro, Jônatas Conceição da Silva, José Luanga Barbosa, J. Abílio Ferreira, Ronald Tutuca, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, dentre tantas outras personalidades que podem ser elencadas no panorama de uma literatura negra, oferecem alternativas do que é “ser brasileiro”, ou seja, um *suplemento* da brasilidade através de elementos simbólicos que podem nos conduzir a pensar essa outra textualidade literária, produzida em diferentes momentos e lugares, como possibilidade de se recontar outra história brasileira.

Outras leituras como a de Florentina Souza de que “os textos [...] autodenominados “produção textual negra” podem ser lidos como suplemento ao discurso da fabular fusão das três raças tristes” (2005,p.26) e de Leda Martins de que da Literatura Afrobrasileira “emergem suplementos imprescindíveis à história dos afro-descendentes no Brasil”(2004,p.263) corroboram a perspectiva de re-visão da brasilidade literária nas produções textuais de afrobrasileiros(as). Excertos de **A descoberta do frio(1979)**, novela construída pelo escritor Oswaldo de Camargo, nascido na cidade de Bragança Paulista, no estado de São Paulo, ilustram essa perspectiva. No enredo, o frio é metáfora ampliada para caracterizar o sofrimento e o suposto lugar subalterno do negro devido ao racismo:

Um frio que faz o coitado entrar no ridículo de se cobrir de flanelas, bonés, peles: o queixo treme, de se ouvir de longe, a vítima não consegue falar, dos olhos descem lágrimas, mas, padre, dentro é que está a miséria: o infeliz vira um campo de batalha onde a desgraça dá vivas à sua completa vitória. Parece que o seu pensamento, o único possível no momento, é este: Meu Deus, se eu fosse branco!? Eu lutaria contra esta desgraça! Sou um micróbio preto, vou desaparecer! E some, definitivamente.(1979,p.52)



Mas se o frio consiste em um elemento simbólico para se pensar o negro e o racismo por ele vivenciado, o entrecruzamento de literatura e história é componente preponderante, pois na sequência da narrativa há a apresentação da origem do frio:

- Dos negros fugitivos, um grupo de oitenta. A 14 de outubro de 1746 entraram no mato, ao pé dos montes. Cândido Justino Alvarenga, apelidado Cândido Canela Fina, chefiou o grupo. Breve, ergueram moradias, feitas com folhas de palmeiras, bambu, o que houvesse, o que aparecesse. Não se sabe por que todos morreram de repente, machucados por estranha doença. Todos morreram! Todos morreram!

[...] a alma deles, no momento, consistia em *somente subir até uma altura dos montes* onde nunca mais pudessem ser alcançados!

[...]

Em 1746 – repito – juntaram-se 80 negros no sopé dos montes Piracaios [...] Matou-os a fome, doenças, o frio[...]. (1979,p.67-69)

Para o prefaciador do livro, o militante Clóvis Moura:

ossadas dos escravos que morreram, em 1746, por haverem fugido da escravidão e se juntado no sopé dos montes Piracaios aparecem como um elemento dramático, de denúncia, mas ao mesmo tempo, são um elemento esteticamente reelaborado pelo autor. (1979, p,13).

Acrescento ainda o plurilinguismo, a linguagem literária imbricada com o discurso da história, ficção e realidade que conforme Mikhail Mikhalovitch Bakhtin pode-se apresentar na “oposição da vida lingüístico-ideológica (sic) da nação[...] parodicamente voltado contra as línguas oficiais do seu tempo[...] plurilinguismo dialogizado.” (1993,p.82)

A descoberta do frio (1979) consiste num intertexto com a linguagem histórica. Apresenta vozes diferenciadas que oferecem a possibilidade de re-vermos os discursos oficiais como os da história brasileira, já que a fuga de negros no século XVIII, para os Montes Piracaios é fato histórico não muito difundido e demonstra que “os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do “mundo” e da literatura.” (HUTCHEON, 1988,p.163).

A literatura negra no Brasil pode então se desvelar enquanto discurso paródico da história oficial brasileira, no sentido em que dialoga, intertextualiza com ela e ao



mesmo tempo, insere fatos, discursos, leituras, histórias não tão divulgados nos quais personalidades afrobrasileiras estão em destaque.

Destarte, na história reinventada em texto literário de afrobrasileiros(as), há espaço para a veneração de outros heróis, como expressa o conhecido poema de autoria do escritor baiano Jônatas Conceição da Silva, infelizmente falecido em 2009 e ao mesmo tempo tão vivo através de memórias afrobrasileiras por ele reinventadas, como nos versos a seguir:

Zumbi é o senhor dos caminhos

resgatar tua presença
tua firmeza de propósito
de amor e liberdade
pela raça
caminhar na tua ausência
fazendo dos passos
de todos os pés
a certeza de todos os encontros
alcançar teu objetivo
por essa mesma terra
que de ti apoderaram
mas que a ti permanece fiel
nos objetos marcas caminhos
de tuas entranhas
retomar toda história
de todos os fatos
contar todas as verdades
para todas as idades
do teu mito que
para sempre se refaz em
liberdade liberdade liberdade.
(SILVA, 2004,p.168).

Zumbi, a revolta de Palmares e a luta antiescravista são sinônimos de liberdade. O ato de “retomar toda história/ de todos os fatos” e “ contar todas as verdades” do “mito” e história de Zumbi “para todas as idades” sinaliza para um sujeito poético arguto em observar a perpetuação dessa luta que remonta ao século XVI, de acordo com Abdias do Nascimento (NASCIMENTO *apud* SILVA, 2004,p.25) e que suscita questionamentos relativos ao fim do Quilombo dos Palmares, uma vez que a inspiração quilombista palmarina, pode ser considerada “referência maior que setores do



movimento negro contemporâneo tiveram para lutar contra o racismo brasileiro” (SILVA,2004,p.28).

Palmares é tema retomado por muitos autores(as) afrobrasileiros(as) e conduz à rememoração de outras revoltas promovidas por negros no Brasil, como a revolta dos Malês, ocorrida no século XIX e transfigurada no texto abaixo de autoria da escritora negra, nascida em São Paulo, Mirian Alves:

MAHIN AMANHÃ

Ouve-se nos cantos a conspiração
Vozes baixas sussurram frases precisas
Escorre nos becos a lâmina das adagas
Multidão tropeçam nas pedras
revolta

há revoada de pássaros
sussurro, sussurro:
“ – é amanhã,é amanhã,
Mahin falou, é amanhã”
A cidade toda se prepara
Malês
bantus
geges
nagôs
Vestes coloridas resguardam esperanças.
(ALVES, 1986, p.46).

No texto em que o poema e a história se fundem, o ritmo e a configuração formal parecem convidar o leitor para um embate próximo que há de ocorrer no dia seguinte. Outrossim, pode-se observar a complexidade da revolta que envolvia povos oriundos da África de várias etnias, como bem explicita o historiador baiano João José Reis, em extenso estudo de sua autoria sobre o movimento. Concomitantemente, é a figura da mulher – Luíza Mahin – a principal personagem: é ela quem anuncia o momento da ação, “o amanhã” associado ao sentimento de “esperança” pode ser repetido numa constante, afim de se rememorar as histórias dos(as) afrobrasileiros(as) e mesmo modificar as suas memórias acerca de diferentes conflitos.

Muitos embates ocorridos são reelaborados em textos poéticos acrescentando outras formas de leitura à visão antológica do discurso histórico nacional brasileiro,



como evidencia o poema que apresenta como tema a figura do bandeirante Domingos Jorge Velho:

PARA DOMINGOS JORGE VELHO

DOMINGOS, bem que você poderia
Ter sido menos canalha!
Está certo que eras um filho da Coroa,
Súdito leal,
E os negros de Palmares...
Ora, negro é negro.
Jorge meu caro
Entendo que estivesse vendo seu lado,
Ouro, carne-seca, farinha, eram bem pagos.
VELHO, o que me dói é o fato de teres com
alguns milhares
De porcos dizimado um sonho
Justo de Liberdade,
E ainda por cima voltaste com
Três mil orelhas de negros,
TRÊS MIL!
Ontem senti um tremendo nojo
Quando te vi como herói no livro
De História do meu filho.
Mas foi no fim muito bom
Porque veio de novo a vontade
De reescrever tudo
E agora sem heróis como você
Que seriam no máximo, depois de revistos,
Assassinos, e bem baratos.
Atenciosamente
UM NEGRO
(LIMEIRA, 2005, p.109)

Nos versos supracitados, o sujeito poético se apresenta como aquele que pode reescrever a história. Se os bandeirantes são registrados na história brasileira como personalidades de destaque em busca de riquezas, de exploração de territórios brasileiros, dentre outras funções, no tecido literário composto pelo poeta baiano José Carlos Limeira, o fato de Domingos Jorge Velho ter participado do ataque ao Quilombo dos Palmares e a sua presença no livro de história é motivo de paródia. A assinatura do eu poético enquanto negro aponta para uma diferente postura do indivíduo frente à uma história já estabelecida, como expressa o texto do escritor carioca, Éle Semog:

SE ELA FAZ EU DESFAÇO

A treze de maio



Fica decretado
Luto oficial na
Comunidade negra.
E serão vistos
Com maus olhos
Aqueles que comemorem,
Festivamente
Esse treze inútil
E fica o lembrete
Liberdade se toma
Não se recebe
Dignidade se adquire
Não se concede
(SEMOG, 2006)

O decreto do dia 13 de Maio de 1888 é feito de outra maneira pelo eu poético no texto em questão. “O treze é inútil” para a comunidade negra e àquela data associam-se outros significados que colocam em xeque a liberdade concedida naquele momento. O poema de autoria de Éle Semog apresenta a história brasileira sob o olhar de outras memórias porque “corrige os esquecimentos dos relatos” (ACHUGAR, 2006,143) silenciados por uma hegemonia que promulgava um pretenso fim da escravidão do negro.

Assim, os textos dos escritores(as) afrobrasileiros(as) que dialogam com a história do Brasil, transmitem outros sentidos sobre os discursos oficiais da nação como a história e a literatura. Essa perspectiva de revisitar fatos, momentos e cenários da história brasileira sugerem a cobrança de um *status* de igualdade dos(as) afrobrasileiros(as) sonogado desde a escravidão e em distintos espaços ainda hoje, conforme os versos seguintes:

NOTA PROMISSÓRIA

Somos agiotas da história,
quem deve, paga.
Chega de lorota,
a escravidão foi a nota promissória.
Somos todos iguais?
Por que não dividem ao meio
vintém por vintém?
Há tantas fomes.
Qual é a cor da pele dessas fomes desiguais?
Somos agiotas da história,



Quem deve paga.
Não há atalhos
a omissão só produz
retalhos de nós
nos submundos frios.
[...]
Agora não há Rui Barbosa,
agora somos nós,
olho no olho,
ou debitamos agora,
ou a história se arma e, no juízo final,
dá o veredicto contra nós.
(RIBEIRO,2004,p.62)

A subalternização do(a) afrobrasileiro(a) comparece na cor daquele indivíduo submetido a privações e que é convidado pelo eu poético acima, na escrita feminina negra, à cobrança. A reaquisição dos bens, dos “vinténs” perdidos e/ou emprestados pode vir na reelaboração da própria história como expressa o texto escrito por Márcio Barbosa:

MANIFESTO Nº ZERO

[...]
vamos fazer um batuque
nas doces teclas de um micro
e aí navegar nas teias dos quilombos virtuais
somos herdeiros reais
de uma história bem rica
os nossos são versos guerreiros
de uma canção coletiva
ah, África antiga
sua memória está viva
e em nosso corpo se refaz
(BARBOSA,2006,p.47)

A história rica do(a) afrobrasileiro(a) pode ser reinventada ainda através das linguagens contemporâneas e demonstrar a vivacidade da memória daquele que construiu o país circulando pelos variados espaços brasileiros, como ilustra o texto construído por Luiz Silva - Cuti:

PALAVRA NEGRO



a palavra negro
Tem sua história e segredo
veias do são francisco
Prantos do amazonas
e um mistério atlântico

A palavra negro
Tem grito de estrelas ao longe
Sons sob as retinas
de tambores que embalam as meninas
dos olhos

[...]

a palavra negro
que muitos não gostam
tem gosto do sol que nasce

[...]

a palavra negro
tem sua história e segredo
e a cura do medo
do nosso país
(CUTI,2007,p.17-18)

O Atlântico, o Amazonas, o São Francisco são alguns dos trajetos percorridos pelo negro, caminhos onde engendrou a sua história. Portanto, cabe atentar para os diferentes panoramas históricos que podem ser construídos, a partir da enunciação literária de afrobrasileiros(as).

Os textos artísticos verificados na presente análise ratificam a possibilidade do diálogo proveitoso entre a literatura e a história, como apontado na filosofia nietzscheana, bem como por muitos outros autores. De semelhante modo, o ato de encarar a escrita literária como representação do mundo propicia compreendê-la na aproximação de outros discursos ditos científicos como por exemplo, a história que é “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa.” (WHITE,1995,p.11).

Assim sendo, a revolta dos montes Piracaios, a revolta dos Palmares, Zumbi, a revolta dos Malês e Luiza Mahin são elementos da história que em texto literário denotam a história e a memória de afrobrasileiros(as) reinventadas no âmbito da cultura. Personalidades como Domingos Jorge Velho e datas do calendário oficial como o 13 de Maio são parodiadas e confirmam que o texto:



é um tecido de citações, saídas dos mil focos das culturas [...]é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo. Em paródia, em contestação;[...] (BARTHES, 1984, p.03)

Cobrar outros sentidos da história e construí-los, como pode ser lido em “Nota promissória”, de autoria da paulista Esmeralda Ribeiro, pode certamente contribuir para a reversão dos atributos negativos concedidos ao afrobrasileiro.

À guisa de conclusão dessas breves apreciações acerca dos diálogos entre literatura negra e história do Brasil, observo que diferentes momentos da história são transfigurados pelo (a) afrobrasileiro(a) em texto artístico.

As faces mais conhecidas do negro na história brasileira são revistas e reinventadas. Se, no que concerne ao período compreendido entre século XVI e XIX é possível atentar nos discursos da história oficial para o negro escravizado e para as suas revoltas, no texto literário afrobrasileiro a escravidão é aquela que suscita a mudança de postura do negro, confirmada no já citado texto de Esmeralda Ribeiro, “Nota promissória”. Por sua vez, as revoltas podem consistir em ponto de partida de denúncia das agruras sofridas pelos(as) afrobrasileiros(as) como evidencia **A descoberta do frio(1979)**.

Cabe enfatizar que a representação das insurreições de afrobrasileiros/as consistem em rememoração da luta pela liberdade e veneração de personalidades consideradas heróis para a comunidade negra, a exemplo do texto de autoria de Jônatas Conceição da Silva. Há ainda espaço para a paródia de imagens e datas oficiais como expressam os poemas escritos por José Carlos Limeira e Éle Semog respectivamente.

A tecnologia moderna também comparece associada à memória coletiva do afrobrasileiro(a), no poema de Márcio Barbosa, e, ilustra os movimentos empreendidos na busca da sustentação de uma identidade.

Por fim, a afirmação identitária através da proposta de construção de sentidos positivos para a palavra negro e o destaque do percurso do indivíduo negro no país simbolizam, no texto de autoria de Luiz Silva- Cuti, um outro discurso acerca da nação, enunciado pelo negro que deseja falar de si na contemporaneidade, recontar as suas histórias e reinventar as suas memórias, semelhante ao sujeito poético construído nos



versos de autoria de Éle Semog com os quais finalizo essas breves considerações sobre possíveis diálogos entre literatura negra e história do Brasil:

PONTO HISTÓRICO

Não é que eu
seja racista...
Mas existem certas
coisas
Que só os NEGROS
entendem.
Existe um tipo de amor
que só os NEGROS
possuem,
existe uma marca no
peito
que só nos NEGROS
se vê,
existe um sol
cansativo
que só os NEGROS resistem.
Não é que eu
seja racista...
Mas existe uma
história
que só os NEGROS sabem contar
... que poucos podem
entender.
(SEMOG,2005,91).

REFERÊNCIAS:

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.** Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALVES, Mirian. “Mahin Amanhã”. **Cadernos negros 09.** São Paulo: Quilombhoje, 1986.

BARBOSA, Márcio José. “Manifesto nº 0.” In: **Cadernos negros 29.** São Paulo: Quilombhoje, 2006.



BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

CAMARGO, Oswaldo de. **A descoberta do frio: novela**. Rio de Janeiro: Populares, 1979.

CUTI. “Psiu!” In: **Negroesia: antologia poética**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

_____. “A palavra negro.” In: **Negroesia: antologia poética**. Belo Horizonte: Mazza 2007.

FONSECA, Maria Nazareth. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?” In: SOUZA & LIMA. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro- Orientais, 2006.

HUTCHEON, Linda. “Teorizando o pós-moderno.” In: _____. **Poética do Pós-modernismo: história teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

LIMEIRA, José Carlos. “ Para Domingos Jorge Velho”. In: SANTOS, Luís Carlos dos *et al.* **O Negro em versos: antologia da poesia negra brasileira**. São Paulo: Moderna, 2005.

MARTINS, Leda Maria. “A fina lâmina da palavra”. In: MUNANGA, Kabenguele (Org.). **História do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

MOURA, Clóvis. “Prefácio”. In: CAMARGO, Oswaldo de. **A descoberta do frio: novela**. São Paulo: Populares, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. “Da utilidade e desvantagem da história para a vida.” In: _____. **Obras Incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1874.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio.” In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 2, n 3, 1989.



RIBEIRO, Esmeralda. “ Nota promissória”. In: **Cadernos negros 27**. São Paulo: Quilombhoje, 2004.

SEMOG, ÉLE. “ Se ela faz eu desfaço”. Disponível em <www.quilombhoje.com.br> Acesso em julho/2006.

_____. “Ponto Histórico”. In: SANTOS, Luís Tavares *et al.* **O Negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005.

SANTOS, Simone de Jesus. **Textos e Metatextos: escritos de Oswaldo de Camargo, Luiz Silva – Cuti e Márcio Barbosa**. 2010. 161 folhas. Dissertação de Mestrado. Centro de Estudos Afro-Orientais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

SILVA, Jônatas Conceição da. “Zumbi é o senhor dos caminhos”. In: **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: Edufba: ILÊ AIYÊ, 2004.

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WHITE, Hayden. WHITE. **Teoria do tropos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WHITE, Hayden. WHITE. **Metahistória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina